



REMINISCÊNCIAS

Sylvia Brascher Carneiro



- Vem comigo! Quero lhe mostrar algo!

Uma menina de cabelos castanhos puxa minha mão insistentemente, enquanto me olha com um olhar de empolgação. Algo nela me parecia familiar, mas não sabia dizer o quê... Não sei nem seu nome, mas entendo que devo segui-la onde quer me levar.

Olho ao redor: estamos paradas em um grande corredor, o qual parece ser de uma galeria com uma ampla variedade de quadros retratando as mais diversas cenas. Ao lado de cada um deles existe uma figura feminina parada ao lado, adotando uma postura de guardiã das obras de arte.

À medida que permito que a menina me conduza pelo corredor, sinto os olhares dessas mulheres me seguindo. Interessante como todas parecem compartilhar um segredo entre si e agir em unidade.

Paramos em frente a um quadro que retrata um dia ensolarado na fazenda. É possível sentir o calor emanando daquela paisagem árida.

- Você está preparada? – pergunta a menina.

- Para o que devo me preparar? Onde vamos? – Indago enquanto sou conduzida para dentro da pintura.



Por alguns instantes, fico embasbacada. “Eu acabei de atravessar um quadro?”.

Imediatamente sou inundada por uma sensação nostálgica de lar. Na varanda está um homem de idade, cabelos cheios e brancos, embalando na rede. Sinto-me como criança e saio correndo ao seu encontro, ao mesmo tempo que ele abre seus braços para mim. Enquanto sou abraçada por ele, uma senhora de quadris largos e um rosto redondo aparece na soleira porta, enxugando suas mãos em um pano.

- Ave Maria, menina! Onde você se enfiou? Preciso de ajuda com o doce de leite! – Seu sotaque nordestino e expressivo automaticamente faz meu coração bater mais forte. Sigo essa senhora até a cozinha, onde sinto um cheiro adocicado que me faz salivar.

Ela pega um pouco de doce em uma colher, assopra delicadamente e estende em direção à minha boca. Fecho os olhos enquanto experimento. Que saudade desse sabor!

- Está na hora de irmos! Não podemos perder tempo. – A menina surge na porta dos fundos da cozinha, parecendo ter crescido alguns anos.

Ao atravessarmos a porta, voltamos ao corredor da galeria de arte e adentramos um quadro que retrata uma senhora sentada



escrevendo algo em uma revista. Ela levanta seu olhar em minha direção e me chama com a mão. Percebo uma súbita mudança de clima - neste quadro está chuvoso e frio - e tenho a sensação de nostalgia com o cheiro de móveis de madeira envernizados.

- Uma palavra com sete letras que representa a união de pessoas com laços afetivos? Começa com a letra F.

- Família. - Respondo imediatamente, me surpreendendo em como minha voz soou infantil. A senhora sorri com os olhos enquanto beija minha testa e preenche sua palavra-cruzada.

Neste momento caminha pela sala um senhor alto usando óculos de grau, apoiando-se em uma muleta. Acompanho ele até uma sala com computador antigo e sento em seu colo, como estou pequenina!

Ele coloca gravações antigas para rodar na tela do computador e aponta para uma adolescente que está chorando copiosamente em sua cama. Enquanto assisto a cena, me dá uma vontade de confortá-la e enxugar suas lágrimas.

No momento que encosto meus dedinhos na tela, sou transportada para aquele quarto. De repente, sinto um aperto em meu coração, quase uma dor física. Meu travesseiro está encharcado de lágrimas. Uma mulher apenas alguns anos mais velha que eu e que se parece muito comigo, entra no quarto e



percebe meu choro. Nela reconheço traços familiares, quase como compartilhássemos genes parecidos.

Senta-se na cama, apoiando minha cabeça no seu colo enquanto afaga meus cabelos.

Desabafo minhas angústias e sou abraçada por aquela mulher, enquanto me sinto protegida e amada. Naquele momento, lembro que a dor é suportável quando compartilhada.

Por alguns instantes percebo uma confusão de cenas no quarto, uma interferência, espécie de ruído branco. Ao fundo, ouço pessoas falando de mim, quase como se eu não estivesse presente no local para participar da conversa.

- Psiu! Estamos demorando muito. Eu irei te guiar agora.

A menina ressurgue como uma jovem adulta e está parada na minha frente, com uma postura impaciente. Seu semblante é solene, menos ingênuo que sua versão mais nova.

- Vamos ter que ser um pouco mais objetivas, agora. É necessário.

A jovem me conduz por um outro tipo exposição. Estou agora em uma grande sala de projeção, sentada em frente à uma tela gigantesca. Diversas cenas passam pelo telão em um turbilhão de sentimentos beirando o alucinante.



Quase como se o tempo aqui fosse diferente, contraditório. Agora, um piscar de olhos significa a passagem de mil cenas, com intensidade de acontecimentos e menos vivacidade de detalhes. Começo a me sentir sem ar, gostaria de ao menos poder assistir a alguma cena com calma e absorver suas sensações.

- Posso descansar, por favor? Estou sobrecarregada! -
Peço à jovem atrás de mim.

- Você irá descansar em breve, fique tranquila. São muitas coisas para repassar ainda. - A jovem responde com um tom carregado.

- O que estou fazendo aqui? - Começo a me sentir extremamente sonolenta... Os meus arredores parecem distorcidos e enevoados.

Sou carregada pelos ombros até um espelho grande, com uma moldura dourada, cheio de arabescos.

- Olhe este espelho. Rápido!

Vejo o reflexo presente no espelho. Percebo que é a primeira vez que me observei durante essa jornada. Porque não o fiz antes? Agora sinto-me tão confusa...

Ela me encara de volta, uma mulher com cabelos curtos ondulados e grisalhos. Usa óculos redondos e transmite em seus olhos a mesma familiaridade das demais pessoas que me acompanharam.



Esta sou eu. Melhor dizendo, é o que eu aparento ser agora.

Atrás de mim, um homem e uma mulher colocam suas mãos em meus ombros. Tudo se originou através deles. Agora irá cessar com eles.

Como será daqui em diante? O que me espera quando essa reminiscência for retirada da minha frente e meus reflexos desvanecerem?

- Sabíamos que você só chegaria quando não houvesse nem mais um segundo de sobra. – Disse a mulher, sorrindo. Seu sorriso fez meu coração explodir de amor, daquele incondicional. Ah, como senti falta disso!

- Confia em nós? – Indagou o homem. Neste momento, meus medos que antes estavam se intensificando, encolheram-se num cantinho. Eles sabiam que com não havia chance de sobreporem ao sentimento de segurança que agora me cercava.

- Sempre. – Respondi com a voz embargada.

...

*Se agora ainda houvesse aqui um raciocínio, para me expressar, com certeza comunicaria: meu tempo não acabou, apenas mudou de direção.”